

Solar
Galeria de Arte
Cinemática
20.09 —
08.11.2025
Vila do Conde

Batalha
Centro
de Cinema
18.09 —
29.11.2025
Porto



Exposição/Exhibition

A photograph of a young boy with blonde hair, wearing a white t-shirt and dark shorts, playing a silver trumpet. He is standing in a grassy field next to a black and white cow. The background is a clear blue sky.

Fanfare 2025 Priscila Fernandes



Coordenação *Coordination*
Mário Micaelo
Produção *Production*
Francisca Salvado
Apoio à produção
Production assistance
Cândida Martins,
Maria Ana Marques
Apoios *Sponsors*
Ana Oliveira
Inês Ferreira
Montagem da exposição
Exhibition set-up
Ricardo Ramos, Pedro Coelho
Comunicação e imprensa
Communication and Press
Mariana Vieira
Fotografia *Photography*
João Brites
Design gráfico *Graphic design*
João Faria, drop.pt
Spot vídeo *Video spot*
Loop Audiovisual Studio
Direção artística Solar
Galeria de Arte Cinemática
Artistic direction
Miguel Dias, Mário Micaelo,
Nuno Rodrigues



Quando a água sobe, é preciso tocar mais forte

POR ISABELLA LENZI

Entre o som da água, o sopro do vento e o retumbar dos metais, emergem duas novas obras da artista portuguesa Priscila Fernandes: *Fanfare 2025* e *There Are No Radical Futures*. Desenvolvidas a partir de uma dupla parceria com a Solar Galeria de Arte Cinemática —do Batalha Centro de Cinema (Porto) e do Festival Circular (Vila do Conde)—, estas criações propõem uma leitura crítica, poética e musical do presente. Paisagem, comunidade e crise ecossocial são as matérias que atravessam as obras e compõem, juntas, uma polifonia que ressoa por entre ruínas e resquícios de esperança.

Fernandes, que há anos vive nos Países Baixos, e hoje reside numa aldeia rural no norte da Holanda, tem construído uma trajetória marcada por investigações em torno da pedagogia, do trabalho —e do direito ao ócio—, da liberdade e da ficção. A artista recorre frequentemente a estruturas narrativas e formas culturais aparentemente simples —o jogo, o conto, a música— para questionar os mecanismos ideológicos que regulam nossa percepção do tempo, do prazer e da possibilidade de ação coletiva. Obras anteriores como *The Book of Aesthetic Education of the Modern School* (2014) e *What Horses Dream Of?* (2023) já evidenciavam o seu interesse pela construção social da sensibilidade, pela fricção entre desejo e disciplina e pelas estruturas de poder e privilégio.

Fanfare 2025 é uma ficção distópica que se desenrola em cenários bucólicos. Filmado em Giethoorn, cidade aquática no interior da Holanda —a mesma onde Bert Haanstra rodou o clássico holandês *Fanfare* (1958)—, o filme recria e atualiza a narrativa original: uma banda filarmónica rural dividida por disputas internas tenta, ainda assim, chegar a tempo do concurso nacional.

Mas o tempo, aqui, é outro. Na versão de Fernandes, os músicos, como na obra original de Haanstra, estão em desacordo, divididos por pequenas disputas que os fazem perder tempo. Ao se darem conta de que estão atrasados para o concurso, lançam-se numa corrida apressada e desorientada. Marcham entre vacas, remam por canais, ensaiam entre juncos. Chegam, enfim, ao local da competição e encontram apenas uma juíza de olhos vendados e uma paisagem submersa. Apesar de não haver concorrentes,

When the Water Rises, You Have to Play Louder

BY ISABELLA LENZI

Amidst the sound of water, the whisper of the wind, and the rumbling of brass, two new works by Portuguese artist Priscila Fernandes emerge: *Fanfare 2025* and *There Are No Radical Futures*. Developed through a dual partnership with Solar Galeria de Arte Cinemática —involving both Batalha Centro de Cinema (Porto) and the Festival Circular (Vila do Conde), these creations offer a critical, poetic, and musical reading of the present. Landscape, community, and eco-social crisis are the threads that run through the works, composing a polyphony that resonates among ruins and the remnants of hope.

Fernandes, who has lived in the Netherlands for years and currently resides in a rural village in the north of the country, has built a career marked by her explorations of pedagogy, labour, and the right to leisure, as well as freedom and fiction. The artist frequently turns to seemingly simple narrative structures and cultural forms —games, tales, music— to question the ideological mechanisms that regulate our perception of time, pleasure, and the possibilities of collective action. Earlier works such as *The Book of Aesthetic Education of the Modern School* (2014) and *What Horses Dream Of?* (2023) already evidenced her interest in the social construction of sensitivity, the tension between desire and discipline, and in structures of power and privilege.

Fanfare 2025 is a dystopian fiction set against pastoral backdrops. Filmed in Giethoorn, a water-based town in the Dutch countryside —the same place where Bert Haanstra filmed the Dutch classic *Fanfare* (1958)— the film recreates and updates the original story: a rural brass band, divided by internal squabbles, still attempts to reach the national competition on time.

But time, here, is different. In Fernandes's version, as in Haanstra's, the musicians are at odds, caught up in minor disputes that cause them to lose precious time. Once they realise that they're running late, they launch into a frantic and disoriented dash. They march through fields of cows, row along canals, and rehearse amongst the reeds. Eventually, they arrive at the competition site to find only a blindfolded judge and a submerged landscape. Despite the absence of any competitors, they are awarded second place, then third,

recebem o segundo lugar, depois o terceiro e, por fim, uma menção honrosa como prêmio de consolação. A banda toca desolada, com os instrumentos voltados para a água que tudo encobre, como se as suas desavenças os tivessem deixado alheios ao mundo à sua volta.

Com humor absurdo e melancolia lírica, *Fanfare 2025* transforma a comédia de costumes em fábula crítica. Fernandes trabalha com uma fanfarra local real —*De Bergklanken*—, que atua como protagonista do filme. A produção coletiva, o sentimento de comunidade e o enraizamento no território são centrais: o filme original faz parte do imaginário identitário da região e os seus habitantes já conheciam as melodias antes mesmo da chegada da câmara de Priscila.

Neste *remake*, Fernandes contrapõe a imagem idealizada do pós-guerra —de uma comunidade em harmonia com a paisagem— à realidade contemporânea marcada pela crise ecológica, pela nostalgia reacionária e pela polarização ideológica. Se na versão de Haanstra a banda supera as suas diferenças e vence o concurso, na versão de 2025 os conflitos persistem e o mundo está a afundar-se —literal e metaforicamente. A água sobe até aos joelhos e a música já não convence o júri. O nível não para de subir, resultado do aquecimento global que todos sentimos de uma maneira ou de outra.

O filme estabelece um diálogo com outros trabalhos audiovisuais que misturam música, sátira e crítica social: de *Ensaio de Orquestra* (1978), de Fellini, com sua orquestra em rebelião constante, a *Os palhaços* (1970), do mesmo autor, onde o riso e o fracasso se misturam em cenas que oscilam entre o grotesco e o afeto. Também evoca *Cruzada* (2010), vídeo da artista brasileira Cinthia Marcelle, em que dezasseis músicos surgem dos quatro cantos de um cruzamento —quatro de cada lado, cada banda com uma cor. Ao alcançarem o centro da encruzilhada, iniciam um duelo sonoro que termina numa coreografia de troca de lugares, formando novas bandas híbridas que, em harmonia, se dispersam pelas quatro direções. Em *Silly Symphony: Music Land* (1935), uma das primeiras obras de Walt Disney, saxofones e violinos travam romances proibidos, batalhas musicais e reconciliações sem palavras, tal como em *Fanfare 2025*, onde os instrumentos são personagens que riem, brigam, choram e anunciam o fim. Instrumentos cujos sons se confundem com o mugido dos animais, o sopro do vento e o murmúrio dos canais.

Apresentado como instalação multicanal na Solar Galeria de Arte Cinemática, o filme convida o público a deslocar-se fisicamente pelo espaço,

and finally an honourable mention — a consolation prize. The band plays, disheartened, their instruments pointed toward the water that now covers everything, as if their bickering had rendered them oblivious to the world around them.

With absurd humour and lyrical melancholy, Fanfare 2025 turns a comedy of manners into a critical fable. Fernandes collaborates with a real local band — De Bergklanken — who take on the role of protagonists. Collective production, a sense of community, and rootedness in the land are central: the original film is part of the region's identity, and residents already knew the melodies before Priscila's camera even arrived.

In this remake, Fernandes contrasts the post-war ideal of a harmonious community in tune with its surroundings with today's reality, marked by ecological crisis, reactionary nostalgia, and ideological polarisation. Whereas Haanstra's band overcomes its differences and wins the competition, in the 2025 version, the conflicts persist, and the world is sinking — both literally and metaphorically. Water rises to their knees, and the music no longer sways the jury. The level keeps rising — the inevitable result of global warming, which we all feel, each in our own way.

The film engages in dialogue with other audiovisual works that blend music, satire, and social critique: from Fellini's Orchestra Rehearsal (1978), with its perpetually rebellious orchestra, to The Clowns (1970), also by the Italian director, where laughter and failure intermingle in scenes oscillating between the grotesque and the tender. It also evokes Cruzada [Crusade] (2010), a video by Brazilian artist Cinthia Marcelle, in which sixteen musicians approach an intersection from all four directions — four per side, each band in a different colour. When they meet at the centre, they engage in a sonic duel that ends in a choreography of position swapping, forming new hybrid bands that disperse in harmony. In Silly Symphony: Music Land (1935), one of Walt Disney's earliest works, saxophones and violins engage in forbidden romances, musical battles, and wordless reconciliations — just as in Fanfare 2025, where the instruments themselves become characters that laugh, quarrel, cry, and announce the end. Instruments whose sounds merge with the lowing of cattle, the breath of the wind, and the murmur of the canals.

Presented as a multi-channel installation at the Solar Galeria de Arte Cinemática, the film invites viewers to physically move through the space, creating a choreography that mirrors the musicians' wandering path. At the Batalha Centro

construindo uma coreografia que espelha os caminhos e descaminhos dos músicos. No Batalha Centro de Cinema, o filme é exibido na versão de um só canal, seguido por uma conversa entre a artista e o etnomusicólogo Andrew Snyder, autor de estudos fundamentais sobre fanfarras populares, carnaval e música como resistência política. Snyder, que viveu no Brasil e atualmente reside em Lisboa, aproxima o conceito de fanfarra ao da antropofagia cultural, como forma de canibalismo simbólico e subversão dos instrumentos da ordem.

Durante o Festival Circular, a artista reúne-se com alguns dos músicos da banda *De Bergklanken*, protagonistas em *Fanfare 2025*, para uma conversa performativa sobre território, identidade, tempo, crise e pertencimento. Entre falas, trechos de guião e música ao vivo, compõe-se outra partitura possível: aquela do encontro.

Se *Fanfare 2025* é uma ficção agridoce sobre um mundo que se desfaz, a obra *There Are No Radical Futures* baseia-se em registos que documentam a tentativa de mantê-lo unido ou, ao menos, habitável. Filmada em Paris durante o encontro internacional organizado pela *La Fanfare Invisible*, acompanha por quatro dias dezanove fanfarras militantes de diferentes partes da Europa. Em ensaios, workshops e intervenções de rua, os músicos tocam juntos para protestar contra a violência, a desigualdade, a crise climática, o patriarcado, o racismo e o fascismo.

As bandas reúnem amadores e profissionais, jovens e idosos, e adotam uma prática musical coletiva e desobediente, inspirada nas lutas populares, sindicais e nas canções de revolução. Em ações que combinam música e militância, levantam questões como a precariedade habitacional, os despejos forçados, a situação de coletivos de migrantes menores e a solidariedade com a Palestina e com os movimentos feministas e antirracistas.

Apresentado como uma instalação multicanal no espaço expositivo do cinema Batalha, *There Are No Radical Futures* alterna entre registos das performances musicais e fragmentos de debate político, construindo um testemunho coral sobre a urgência de resistir. Mais do que documentar os sons, Fernandes capta as práticas de escuta coletiva: como se organizam, que repertórios escolhem, quais memórias carregam, o que esperam da música e do mundo.

A artista inscreve-se aqui como testemunha e amplificadora de uma ação viva. As fanfarras militantes que acompanha —como a *Fanfarria*

de Cinema, it is shown in a single-channel version, followed by a conversation between the artist and ethnomusicologist Andrew Snyder, author of fundamental studies that explore popular fanfares, carnival, and music as political resistance. Snyder, who has lived in Brazil and now resides in Lisbon, aligns the concept of the fanfare with that of cultural anthropophagy — as symbolic cannibalism and subversion of the instruments of order.

During the Festival Circular, the artist joins some of the musicians from De Bergklanken, protagonists in Fanfare 2025, in a performative conversation about territory, identity, time, crisis, and belonging. Through dialogue, script excerpts, and live music, another possible score emerges: one of encounter.

If Fanfare 2025 is a bittersweet fiction about a world falling apart, the work There Are No Radical Futures is based on footage documenting efforts to hold that world together — or at least to keep it inhabitable. Filmed in Paris during an international gathering organised by La Fanfare Invisible, the piece follows nineteen activist brass bands from across Europe over four days. In rehearsals, workshops, and street interventions, the musicians play together in protest against violence, inequality, the climate crisis, patriarchy, racism, and fascism.

These bands bring together amateurs and professionals, young and old, and adopt a collective, disobedient musical practice inspired by popular struggles, union movements, and revolutionary songs. In actions that fuse music and activism, they raise issues such as housing precarity, forced evictions, the plight of migrant youth collectives, and solidarity with Palestine and feminist and anti-racist movements.

Presented as a multi-channel installation in the exhibition space of the Batalha Centro Cinema, There Are No Radical Futures alternates between musical performances and fragments of political debate, building a choral testimony to the urgency of resistance. More than documenting sounds, Fernandes captures the practice of collective listening: how they organise, which repertoires they choose, what memories they carry, what they expect from music and from the world.

Here, the artist positions herself as a witness and amplifier of living action. The activist fanfares she follows — such as the Fanfarria Transfeminista (Madrid), Block Brass (Netherlands), and Ottoni a Scoppio (Milan), among others — are fragile, improvised, yet powerful formations. They re-enact the gesture of appropriating the instruments of

Transfeminista (Madrid), a Block Brass (Países Baixos), a Ottoni a Scoppio (Milão), entre outras— são formações frágeis, improvisadas, mas potentes. Reencenam o gesto de apropriar-se nos instrumentos de poder para subvertê-los com alegria. As suas palavras convocam à força coletiva como única via possível para mover o que nos imobiliza.

Num dos trechos mais densos da obra, integrantes da Fanfarria Transfeminista, relatam-se episódios de repressão policial durante manifestações e explicam como utilizam a música para desescalar a violência e criar impacto positivo. Já os músicos da banda italiana Basaglia, de Nápoles, comentam o avanço de governos neofascistas que tentam reverter conquistas históricas dos movimentos feministas —como os direitos das mulheres e os direitos reprodutivos—, e como, através da música, resistem a esse retrocesso conservador.

O manifesto da La Fanfare Invisible fala de “ataques musicais”, “terrorismo harmónico” e “delinquência acústica”. Mas tudo é feito com leveza, em nome de uma “resistência alegre” que busca reatar os fios do tecido social por meio do som. Assim como nos versos de Grândola, Vila Morena, de Zeca Afonso, canção que marcou o início da Revolução dos Cravos: “O povo é quem mais ordena / dentro de ti, ó cidade”. Até hoje, essa música ressoa como um hino de liberdade, fraternidade e reivindicação social, entoado em manifestações políticas como as do 1º de Maio. Música como convite à escuta, à ação e à festa.

Entre a distopia ficcional e a documentação militante, os dois filmes de Priscila Fernandes investigam as potencialidades da música e da organização comunal como formas de lembrar, resistir e imaginar. Fanfarras, no plural: ora formações tradicionais em vias de desaparecimento; ora coletivos ativistas que sopram contra o status quo. Ambas, no entanto, são comunidades vulneráveis, intensas, reunidas pelo som e por um desejo —ou luta— comum.

O projeto apresentado em Portugal articula cinema, instalação e performance num gesto de colaboração que é ao mesmo tempo estético e político. “Quando a água sobe, é preciso tocar mais forte”, parece dizer este conjunto de obras. Ou, talvez, nos ajude a lembrar que é preciso escutar com mais atenção e cooperar.■

power to subvert them with joy. Their words call on collective strength as the only viable path to shifting what holds us still.

In one of the work's most powerful moments, members of the Fanfarria Transfeminista recount episodes of police repression during protests and explain how they use music to de-escalate violence and create positive impact. Meanwhile, musicians from the Italian band Basaglia, based in Naples, reflect on the rise of neo-fascist governments attempting to roll back historic gains of feminist movements — such as women's and reproductive rights — and how they resist this conservative backlash through music.

The manifesto of La Fanfare Invisible speaks of “musical attacks”, “harmonic terrorism”, and “acoustic delinquency”. But all is done playfully, in the spirit of “joyful resistance” that seeks to reweave the social fabric through sound. Much like in the lyrics of Grândola, Vila Morena by Zeca Afonso, the song that marked the start of Portugal's Carnation Revolution: “The people are the ones who give the orders / Inside you, oh city.” Even today, this song resounds as a hymn of freedom, fraternity, and social demand, sung at political demonstrations such as those on May Day. Music as an invitation to listen, to act, and to celebrate.

Between fictional dystopia and militant documentation, Priscila Fernandes's two films explore the potential of music and communal organisation as tools for remembering, resisting, and imagining. Fanfares, in the plural: sometimes traditional ensembles on the brink of disappearance; sometimes activist collectives blowing against the status quo. Both, however, are vulnerable, intense communities, brought together by sound and by a shared desire — or struggle.

The project presented in Portugal weaves together cinema, installation, and performance in a gesture of collaboration that is both aesthetic and political. “When the water rises, you have to play louder,” this body of work seems to say. Or perhaps it simply reminds us that we must listen more attentively — and act together.■

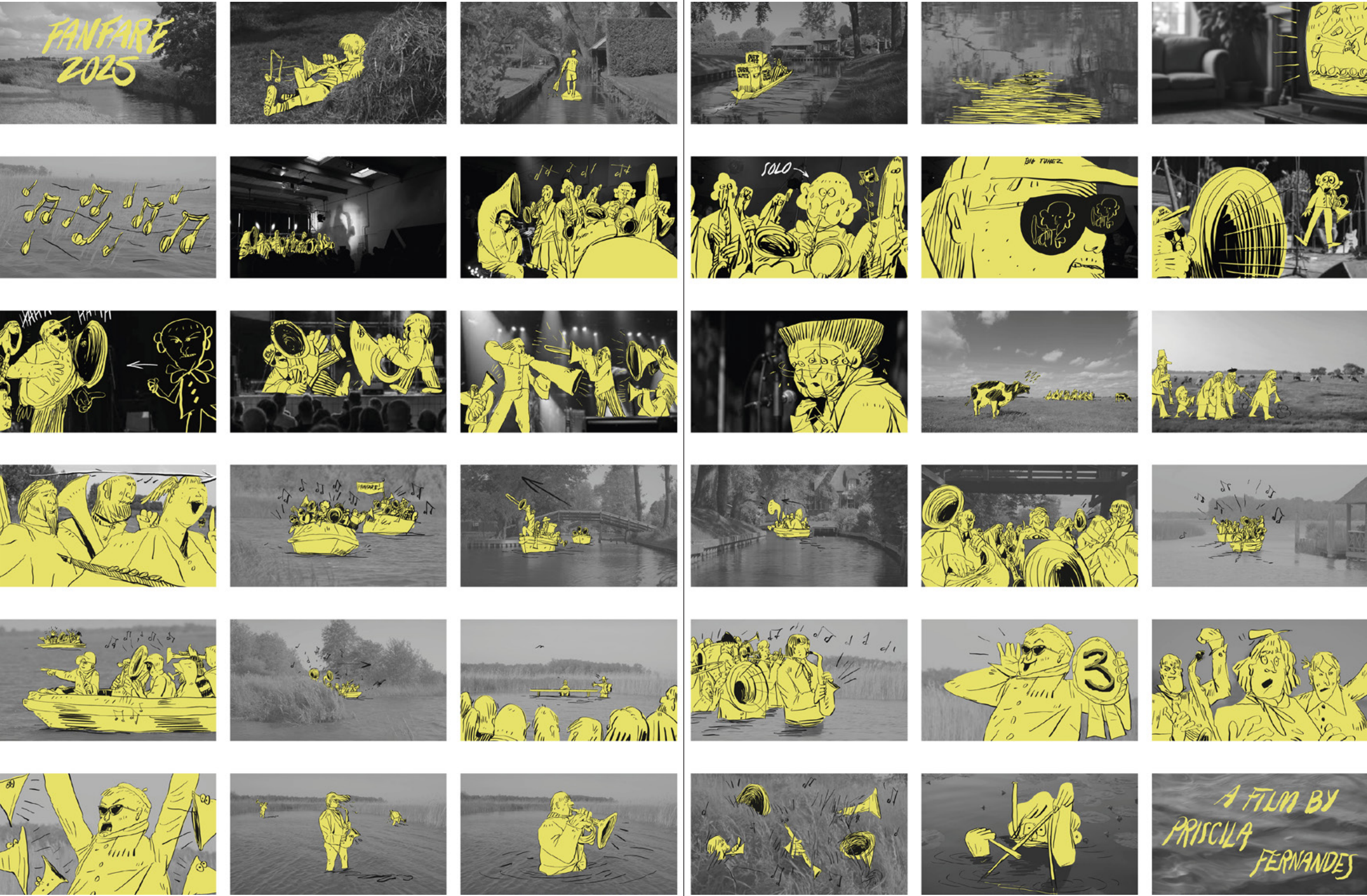
[Vitrine 1 Window 1]

Esta é uma aldeia especial. Não tanto pelas pessoas, mas por aquilo que Lagerwiede tem em abundância: água. Há tanta água que já não há espaço para ruas. Os canais de Lagerwiede separam os habitantes, enquanto as pontes os unem. Não podia ser de outra forma, pois então não seria especial. Quando uma leve névoa paira sobre o lago e os engenheiros abandonam as suas bombas de água, vivemos esta hora hesitante, em que os velhos pensam na sua morte e os jovens apaixonados no seu futuro. Em Lagerwiede, uma hora dura mais do que em qualquer outro lugar. É tempo suficiente para que divisões, antigas e novas, se manifestem. Quanto mais óbvia a resposta te parecer, mais o teu vizinho discordará. Mas se há algo que une tudo isto, é a realidade da água. A vida tem sido assim aqui há 70 anos. Tudo mudou, mas os problemas permaneceram. Fecha os olhos às mudanças e talvez te deixes encantar. Olha para outro lado e terás de te convencer de que tudo ficará bem. Desvia o olhar uma terceira vez e talvez seja tarde demais. A água é tão pacífica quanto cruel, tão destrutiva quanto conciliadora, tanto inimiga como amiga. Ouve... a banda filarmónica está a ensaiar. Vamos ver...

Excerto do guião escrito por Priscila Fernandes, inspirado no original de Jan Blokker, para Fanfare (1958).

This is a special village. Not so much because of the people, but because of what Lagerwiede has in abundance: water. There is so much water that there is no room left for the streets. The canals in Lagerwiede separate the residents, while the bridges unite them. It couldn't be any other way, because then it wouldn't be special. When a light mist hangs over the lake and the engineers leave behind their water pumps, we experience this hesitant hour, in which old people think about their death and young lovers about their future. In Lagerwiede, an hour lasts longer than anywhere else. That's time enough for divisions old and new to play out. The more obvious the answer seems to you, the more opposed your neighbour is. But if there's one thing that unites it, it's the reality of the water. Life has been like this here for 70 years. Everything changed, yet the problems remained. Close your eyes to the changes and you might be charmed. Look elsewhere and you'll have to convince yourself it will be alright. Look away a third time and you might be too late. Water is as peaceful as it is cruel, as destructive as it is conciliatory, as much enemy as it is friend. Listen... the brass band is rehearsing. Let's have a look...

Excerpt of the script written by Priscila Fernandes inspired by the original by Jan Blokker, for Fanfare (1958).



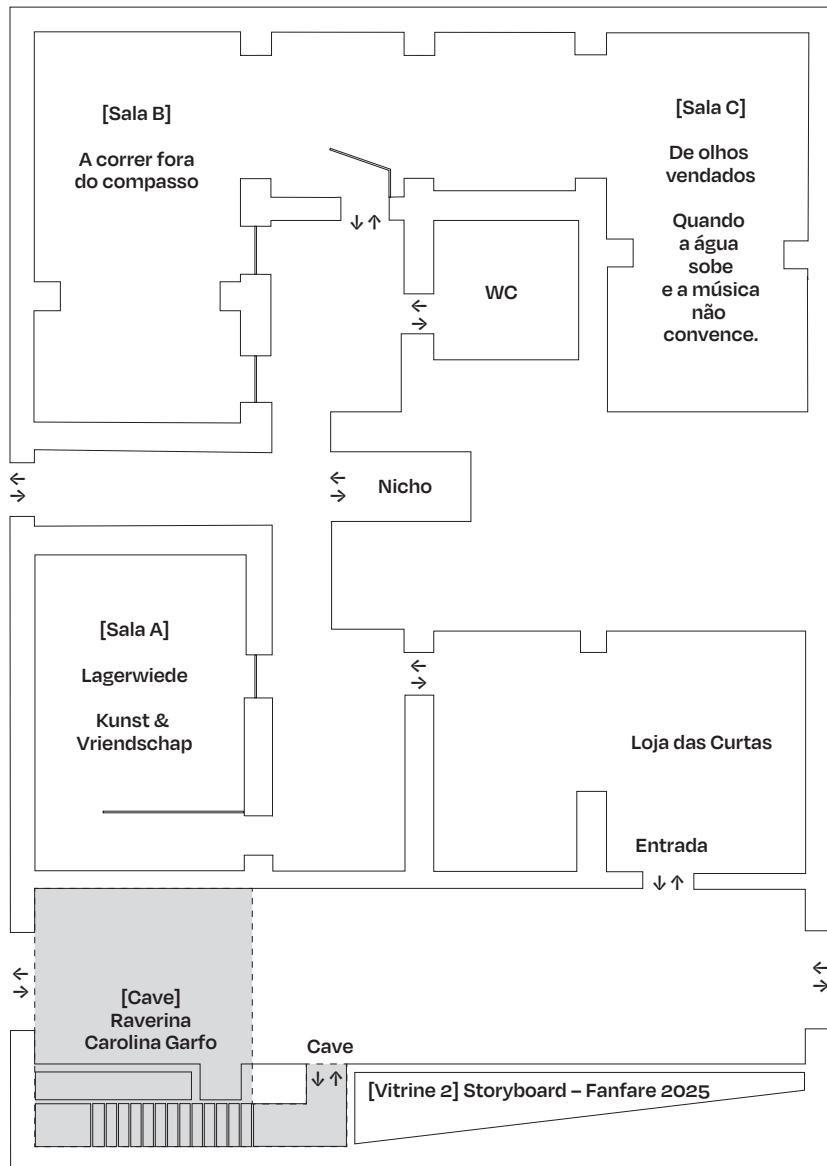
Solar
Galeria de Arte
Cinemática
20.09 —
08.11.2025
Vila do Conde



Exposição/Exhibition

Inauguração *Opening*
20.09 • Sáb Sat • 17:00

Horário *Opening hours*
21.09 – 08.11.2025
Seg Mon – Sáb Sat
14:00 – 18:00



SOLAR – GALERIA DE ARTE CINEMÁTICA

Fanfare 2025 Priscila Fernandes

FANFARE 2025

Vídeo multicanal, 16:9, cor, som, 20'22", loop, Priscila Fernandes, 2025

Fanfare 2025 é uma ficção distópica que se desenrola em cenários bucólicos. Filmado em Giethoorn, cidade aquática no interior da Holanda —a mesma onde Bert Haanstra rodou o clássico holandês *Fanfare* (1958), escrito por Jan Blokker e com música de Jan Mul—, o filme recria e atualiza a narrativa original: uma banda filarmónica rural dividida por disputas internas tenta, ainda assim, chegar a tempo do concurso nacional.

Mas o tempo, aqui, é outro. Na versão de Fernandes, os músicos, como na obra original de Haanstra, estão em desacordo, divididos por pequenas disputas que os fazem perder tempo. Fernandes trabalha com uma fanfarra local real —*De Bergklanken* (Países Baixos)—, que atua como protagonista do filme.

Fanfare 2025 is a dystopian fiction that unfolds in bucolic settings. Filmed in Giethoorn, a water town in the interior of the Netherlands – the same one where Bert Haanstra shot the Dutch classic *Fanfare* (1958), written by Jan Blokker and with music by Jan Mul – the film recreates and updates the original narrative: a rural philharmonic band divided by internal disputes is still trying to make it in time for the national competition.

But time, here, is different. In this version, the musicians, as in Haanstra's original work, are at odds, divided by petty disputes that waste their time. Fernandes works with a true local fanfare —De Bergklanken (Netherlands)—, which acts as the protagonist of the film.

Criação e realização *Creation and direction:* Priscila Fernandes
Direção de fotografia *Cinematography:* Lukas Heistingner
Montagem *Editing:* Manfred Poppenk
Tratamento de cor *Colour grading:* Manfred Poppenk
Artista sonoro *Sound artist:* Morning Seance
Som direto *Direct sound:* Mark Dijkstra
Mistura *Re-recording mixer:* Camiel Muiser
Produção *Production:* Priscila Fernandes
(em colaboração com *in collaboration with* Shady House)

Com a participação de *With the participation:* De Bergklanken (Rik Hoekstra, Henk Zantinge, Jaap Veltman, Harm Nijdam, Paulette Hendrikx, Karlijn Amesz, Nomi Tijmens, Willem Nijmeijer, Alfred Gunnink, Fleur Scheerhoorn, Julian Gunnink, Lize Amesz, Willemiek Nijdam, Evelien Slomp, Hilda Winters, Mense Kirghof, Jacoby Bos, Guido van der Linde, Rianne Pool, Evert Kreuze), Loes Heebink, Chiara, Hes Mundt, Mees Rusticus, Eefje Madelief Spaansen, Monique Hogeboom, Priscila Fernandes, River Oliveira Thomson.

Inspirado em *Inspired by* *Fanfare* (1958)
Realização *Direction:* Bert Haanstra
Argumento *Script writing:* Bas Blokker
Composição *Componist:* Jan Mul



[Sala A Room A]

LAGERWIEDE

Duração 03'28"

Primeiro Plano

Esta é uma aldeia especial. Não tanto pelas pessoas, mas pelo que Lagerwiede tem em excesso: água. Há tanta água que já não sobra espaço para ruas. Em Lagerwiede, uma hora dura mais do que em qualquer outro lugar. Assim tem sido a vida aqui desde há setenta anos. Tudo mudou, mas os problemas permaneceram.

This is a special village. Not so much because of the people, but because of what Lagerwiede has in abundance: water. There's so much water that there's no more room for streets. In Lagerwiede, an hour lasts longer than anywhere else. Life has been like this here for seventy years. Everything changed, but the problems remain.

KUNST & VRIENDSCHAP

Duração: 04'36"

Segundo Plano

A banda da aldeia, *Kunst en Vriendschap* (Arte e Amizade), sopra de novo a *Fanfare in Es* de Jan Mul. Desde 1958 não tocam o ouro, mas é a miragem do prémio que os move: ensaiam como quem sonha vencer — mas acabam sempre em desavença.

The village band, Kunst en Vriendschap (Art and Friendship), once again blows Jan Mul's Fanfare in Es. Since 1958 they haven't touched gold, yet it is the mirage of the prize that drives them: they rehearse as if dreaming of victory — but always end in discord.





[Sala B Room B]

A CORRER FORA DO COMPASSO

Duração: 03'34"

Terceiro Plano

Divididos por pequenas disputas que lhes roubam o tempo, a banda corre desorientada para o concurso.

Divided by petty quarrels that steal their time, the band runs disoriented toward the contest.

[Sala C Room C]

DE OLHOS VENDADOS

Duração: 02'19"

Quarto Plano

Fecha os olhos às mudanças, e talvez fiques encantado. Olha para outro lado, e terás de te convencer de que tudo acabará bem. Desvia o olhar uma terceira vez, e talvez já seja tarde demais.

Close your eyes to the changes, and you might be enchanted. Look elsewhere, and you must convince yourself that things will turn out well. Look away a third time, and you might be too late.



QUANDO A ÁGUA SOBE E A MÚSICA NÃO CONVENCE.

Duração: 06'24"

Quinto Plano

"A água é tão pacífica como cruel, tão destrutiva como conciliadora, tão inimiga como amiga." – excerto do texto original de Jan Blokker para o filme *Fanfare*.

"Water is as peaceful as it is cruel, as destructive as it is conciliatory, as much an enemy as a friend." – from the original script of Jan Blokker for the film Fanfare.



Fanfare 2025 - Conversa Performativa *Performative Talk*

20.09.2025 • SÁB SAT • 18:00

Solar Galeria de Arte Cinemática

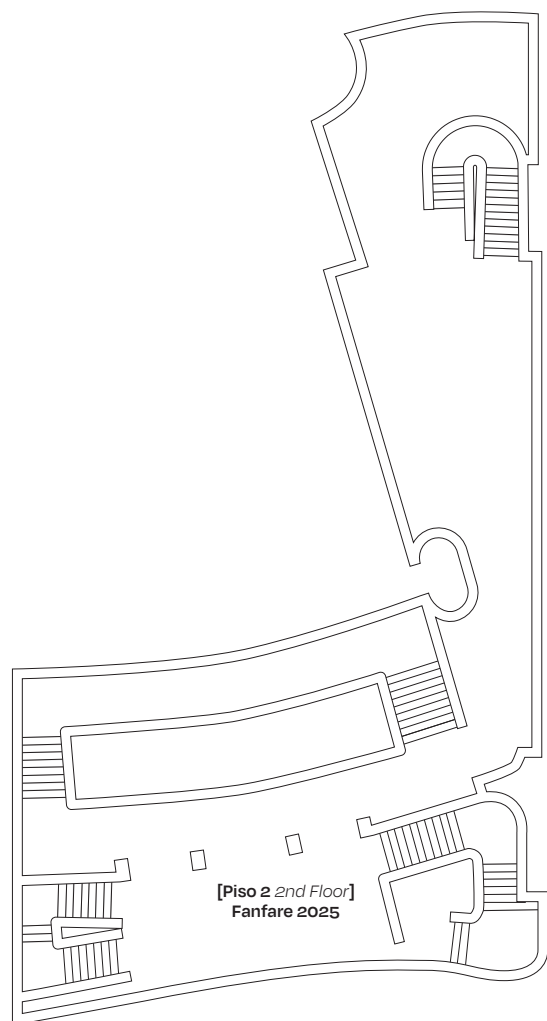
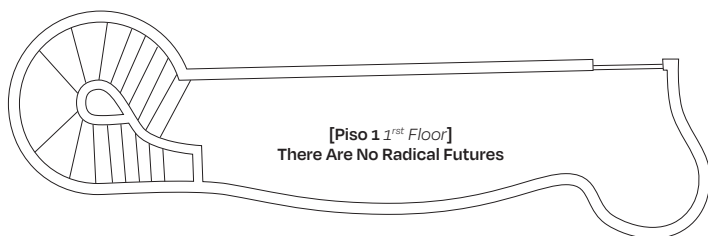
Conversa performativa entre a artista Priscila Fernandes e alguns dos músicos de De Bergklanken (Jacoby Bos, Willemiek Nijdam e Harm Nijdam)

Fanfare 2025 é uma interpretação contemporânea do icônico filme holandês *Fanfare* (Bert Haanstra, 1958) sobre uma banda filarmônica de uma aldeia que, entre conflitos internos, ensaia para um concurso. A artista Priscila Fernandes realizou este filme com a participação dos músicos de De Bergklanken (Países Baixos). Nesta conversa, a artista e os músicos partilham a experiência e reflectem sobre folclore, identidade e vida rural.

Performative talk with artist Priscila Fernandes and some of the De Bergklanken musicians (Jacoby Bos, Willemiek Nijdam, and Harm Nijdam).

FANFARE 2025 is a contemporary interpretation of the iconic Dutch film Fanfare (Bert Haanstra, 1958), which portrays a village brass band rehearsing for a competition amid internal conflicts. Artist Priscila Fernandes created this film with the participation of the musicians from De Bergklanken (Netherlands). In this talk, the artist and the musicians share their experience and reflect on folklore, identity, and rural life.





BATALHA CENTRO DE CINEMA

Batalha
Centro
de Cinema
18.09 —
29.11.2025
Porto

**Inauguração, Filme e
Conversa** *Opening, Film
and Talk*
18.09 • Qui *Thu* • 21:15

Horário *Opening hours*
19.09 – 29.11
Ter *Tue* – Dom *Sun*
12:00 – 20:00

Fanfare 2025 Priscila Fernandes

FANFARE 2025

Vídeo em LED Wall, 16:10, cor, som, 20'22",
loop, Priscila Fernandes, 2025

Ver pág. 12 / See page 12

THERE ARE NO RADICAL FUTURES

4K vídeo multicanal, 16:9, cor, som, 50',
Priscila Fernandes, 2025

Filmado em Paris durante o encontro internacional organizado pela *La Fanfare Invisible* em Maio 2025, o projeto acompanha por quatro dias dezanove fanfarras militantes de diferentes partes da Europa. Em ensaios, workshops e ações de rua, os músicos tocam juntos para protestar contra a violência, a desigualdade, a crise climática, o patriarcado, o racismo e o fascismo.

Filmed in Paris during the international gathering organised by La Fanfare Invisible in May 2025, the project follows nineteen activist brass bands from different parts of Europe over four days. Through rehearsals, workshops, and street actions, the musicians play together in protest against violence, inequality, the climate crisis, patriarchy, racism, and fascism.

Realização Direction: Priscila Fernandes
Montagem Editing: Lukas Heistingner, Priscila Fernandes
Tratamento de cor Colour grading: Lukas Heistingner
Mistura Re-recording mixing: Camiel Muiser
Produção Production: Priscila Fernandes
Com a participação de *With the participation of:* Banda Basaglia (Nápoles, Itália), Banda Comunale (Dresda, Alemanha), Fiabelle Braskapelle (Dresda, Alemanha), XR Block Brass (Países Baixos), Beatprotest (Munique, Alemanha), Acabanda (Bolonha, Itália), Antifafare (Bruxelas, Bélgica), Fanfare van de Eerste Liefdesnacht (Amsterdão, Países Baixos), Banda Ramua (Munique, Alemanha), Street Noise Orchestra (Innsbruck, Áustria), Fonc (Milão, Itália), Strampalabanda (Turim, Itália), Ottoni a Scoppio (Milão, Itália), Fanfarria Transfeminista (Madrid, Espanha), La Fanfare Invisible (Paris, França), Clé de Lutte (França), Fanfare Militante / Fa-mi-le (Lausana, Suíça), Flûte des Classes (Paris, França) e La Locomotive Fanfare (Paris, França).



Exposição *Exhibition*

Solar Galeria de Arte Cinemática

20.09 — 08.11.2025

Vila do Conde

Batalha Centro de Cinema

18.09 — 29.11.2025

Porto

Horário *Opening hours*

Solar Galeria de Arte Cinemática

21.09 – 08.11

Seg Mon – Sáb Sat

14:00 – 18:00

Inauguração *Opening*

20 SET • Sáb Sat • 17:00

Conversa performativa *Performative talk*

20 SET • Sáb Sat • 18:00

Entrada gratuita *Free admission*

Batalha Centro de Cinema

19.09 – 29.11

Ter Tue – Dom Sun

12:00 – 20:00

Inauguração, Filme e Conversa

Opening, Film and Talk

18.09 • Qui Thu • 21:15

Entrada gratuita, mediante levantamento de bilhete no próprio dia. Limitado a dois bilhetes por pessoa. *Free entrance upon ticket pickup on the same day. Limited to two tickets per person*

Solar Galeria de Arte Cinemática

Rua do Lídador 139 Vila do Conde

T 252 646516 / 252 138191

solar@curtas.pt

facebook.com/solar.gac

instagram.com/solar_galeria

www.solar.curtas.pt

